

Minhas conquistas e da comunidade indígena Serra do Periquito



Foto: Romário Henrique

Sou Ana Maria da Silva, tenho 57 anos e sou índia da tribo Kambiwá. Moro na Aldeia Serra do Periquito, município de Ibimirim. Sou esposa de Arlindo Amâncio da Silva, que tem 60 anos. Casei com ele aos 15, e vim morar aqui.

Buscava água em Jacaré, Serra Negra, Realengo. Seguia com as cabaças nos caçuás. Aqueles caçuás de cipó, sabe? Enchia de cabaças. Saía à uma da manhã. Às 6h, chegava ao lugar onde tinha água. O lugar mais perto dava 4 léguas. Na volta, os animais, cansados, se deitavam para descansar do sol e quebravam algumas cabaças. Aperreio danado, né?

Acordo às 5 horas pra cuidar do meu sogro, que tem 90 anos. Cuido dos animais. Tenho 5 porcos, 35 galinhas, 400 bodes e cabras - sempre criei bodes pra o sustento. Depois vou fazer a merenda da escolinha pras crianças que estudam à tarde. E, à noite, estudo.

Nós conseguimos essa escolinha pelo ano de 1985. Ela leva o nome de um antigo índio, morador da comunidade, chamado Rosene Vieira. Funcionava nessa casa onde eu moro. Agora ela fica aqui, ao lado. Antes dessa escola era muito difícil dá estudos aos meus filhos. Os mais novos só tiveram chance de estudar por causa dessa escolinha. Uma filha se tornou professora, e agora dá aula no lugar onde foi aluna. Os maiores tinham que dividir os estudos com a agricultura, plantando mandioca, macaxeira, feijão de arranque e de corda, batata. Francisco, o mais velho, quando eram 3 horas da manhã pegava 3 a 4 jumentos, carregava com as caçambas e ia buscar água. Quando voltava, ainda ia ajudar o pai na roça.

A escolinha é conquista de muita luta. No começo era municipal, mas depois o Estado passou a assumir. Houve comentários de que o governo queria fechar, porque tinha pouco aluno. Mas eles não podem fazer isso. A escola não vai fechar. Têm os pequenos, os netos que irão casar e que terão filhos - nas minhas contas são 38 netos, e está chegando mais! As crianças daqui estudam todas lá. E a educação da escola valoriza nossa cultura, a dos índios. Hoje temos 19 alunos de dia e 11 de noite.

Sou representante do conselho municipal de saúde. Participo das reuniões do conselho e de outras reuniões no município. Depois mobilizo os compadres, as comadres, filhos, as pessoas que moram por aqui, pra repassar os acontecimentos. Às vezes precisa de remédio, de escola, de um poço, das necessidades de quem mora no sítio. A energia elétrica, por exemplo. Nossa... Andei tanto! Vai fazer 3 anos que chegou energia aqui. A estrada era péssima! A gente que ajeitava pra poder passar. Cansei de deixar minha feira no Nazário, porque os carros não subiam aqui. Eu trazia a pé, numa distância de duas léguas e meia.

A cisterna-calçadão, construída há um ano, ajuda a matar a sede dos bichos e é mais uma conquista! A terra é herança da minha mãe, que divido com meus filhos. Foram demarcadas pra população indígena. Ano passado fui à Brasília, com um grupo de índios, e dei entrevista. A PEC 215, que fala das demarcações, não era boa para a comunidade.

Sou feliz, graças a Deus. Criei meus filhos na foice, no machado, na máquina de plantar feijão. Melhor do que criar na cidade. Nós temos bastante dificuldade, mas estamos aqui, na luta, sempre dentro dos movimentos. Meus santos e minha Nossa Senhora nos protegem e dá essa força na caminhada.



Crianças da Escola Estadual Josene Vieira, Ibimirim/PE.



Minha casa e meu lugar, visto do alto. Serra do Periquito, Ibimirim/PE.

Fotos: Romário Henrique

Fotos: Romário Henrique